



Varia Historia

ISSN: 0104-8775

ISSN: 1982-4343

Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e
Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais

Melo, Ana Amélia M.C.

Intelectuais e política no Chile: Apontamentos sobre a revista *Aurora de Chile* (1938-1940)

Varia Historia, vol. 34, núm. 64, 2018, Janeiro-Abril, pp. 261-291

Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e
Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais

DOI: 10.1590/0104-87752018000100009

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=384454519009>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

redalyc.org
UAEM

Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

Intelectuais e política no Chile

Apontamentos sobre a revista *Aurora de Chile* (1938-1940)

Intellectuals and Politics in Chile

Notes on the Magazine *Aurora de Chile* (1938-1940)

ANA AMÉLIA M.C. MELO

Departamento de História

Universidade Federal do Ceará

Avenida da Universidade, 2762, Benfica, Fortaleza, CE, 60.020-180, Brasil

anameliademelo@gmail.com

RESUMO O objetivo deste artigo é o de examinar a revista *Aurora de Chile* que circula em Santiago entre 1938-1940. Criada por Pablo Neruda esta publicação apresentou-se como um importante órgão de comunicação da Alianza de Intelectuales de Chile para la Defensa de la Cultura (AICH), entidade fundada em articulação com outras organizações internacionais de intelectuais e com orientação da Comintern. A revista situou-se nos debates políticos e culturais desses anos no Chile e atuou vigorosamente na defesa dos princípios da democracia, das liberdades públicas e contra o fascismo. Neste estudo busco demonstrar o papel desta revista como uma das vozes da perspectiva frentista que passou a orientar o Partido Comunista Chileno no período.

PALAVRAS-CHAVE intelectuais comunistas, Frente Popular no Chile, imprensa

ABSTRACT The purpose of this article is to examine the magazine *Aurora de Chile* which circulated in Santiago between 1938-1940. Created by Pablo Neruda, this publication presented itself as an important media of the Alliance of Intellectuals of Chile for the Defense of the Culture (AICH), entity founded in articulation with other international organizations of intellectuals and oriented by the Comintern. The magazine focused on the political and cultural debates of those years in Chile and acted vigorously in defending the principles of democracy, public freedoms and against fascism. In this study I try to demonstrate the role of this magazine as one of the voices of the frenetic perspective that began to guide the Chilean Communist Party in the period.

KEYWORDS communist intellectuals, Popular Front in Chile, press

APRESENTAÇÃO

Na década de 1930, o Chile conheceu dois governos autoritários com Ibañez del Campo (1927-31) e Arturo Alessandri (1933-38), e o país enfrentou uma dura realidade de constantes ameaças à democracia e às garantias constitucionais. Os partidos de esquerda e sindicatos foram alvos preferidos de perseguições. Nesse contexto, o Partido Comunista amplia sua influência para diversas entidades e organizações não apenas operárias, mas também de bairro, juvenis e cidadãs (Alvarez, 2016, p.28). Essa inserção em organizações civis pode ser identificada seja na reação de importantes setores da sociedade na construção de um anticomunismo como corrente política e ideológica direcionada a apontar a dita “ameaça à civilização ocidental”, seja nos próprios sujeitos individuais ou coletivos responsáveis por essa inserção.

Este trabalho situa-se nessa segunda perspectiva. Procuro aqui examinar a ação política dos intelectuais, um dos grupos sociais mais importantes durante o período que, por meio de organizações coletivas, foram capazes de mobilizar parcela da sociedade e, sobretudo, atuar por intermédio de uma imprensa alternativa, denunciando as arbitrariedades do governo, convocando a sociedade a discutir e refletir sobre a realidade do país e do mundo.

Para isso, a análise concentrou-se na revista *Aurora de Chile*, aqui escolhida como fonte e objeto por ser a voz oficial da Alianza de Intelectuales de Chile para la Defensa de la Cultura (AICH), criada em 1937. A escolha deveu-se igualmente à importância da publicação constatada em diversas notícias e pela presença de intelectuais com vasta atuação no meio cultural e artístico chileno.¹ A revista *Aurora de Chile*, de princípio, coloca o problema de como abordá-la. Apresentada por seus editores como uma revista “em defesa da cultura”, seria indiscutível toma-la como revista literária ou cultural (De Luca, 2011). Observados seus editores e colaboradores, destaca-se a presença majoritária de escritores e poetas que corroboram essa perspectiva. Em suas páginas foram publicadas, de fato, poemas e textos literários de autores de importância nacional e internacional. Entretanto, não foi esta, apenas uma revista dedicada à cultura, não em seu sentido estrito. Considero *Aurora* uma publicação de natureza política, que empreende um esforço de convencimento sobre a necessidade de construção de uma frente ampla contra o fascismo, destacando o papel do intelectual nesse processo. A hipótese que procuro demonstrar é a de que a AICH fez parte da estratégia do Partido Comunista de abertura e ampliação de sua inserção nas organizações sociais e cidadãs. Nesse sentido, o impresso procura cumprir com a função de difundir os princípios norteadores da Frente Popular, a saber, uma perspectiva de defesa das liberdades públicas e direitos constitucionais para um aprofundamento da democracia no Chile, usando como estratégia a conformação de alianças e coligações políticas. A influência do partido foi alcançada, nesse momento, não somente por meio de seus militantes de carteirinha, mas também por

1 Neste estudo foram pesquisados todos os números da revista *Aurora de Chile* que circularam entre 1 ago. 1938 e 20 dez. 1940. Foram examinados os editoriais, a seção dedicada às atividades da AICH além de entrevistas e matérias consideradas relevantes pelo conteúdo político, o que permitiu identificar as posições político-partidárias do impresso. Até o momento, não foram encontrados documentos que expliquem os motivos do fim da revista. O acervo está disponível na Biblioteca Nacional do Chile (Santiago).

inúmeros simpatizantes, como apontado nas memórias do militante peruano Eudócio Ravines.²

Vale ainda lembrar, como demonstra Marcelo Casals, que, nesses anos, o Chile foi marcado por uma acentuada incorporação, nos sistemas doutrinários, de várias categorias da política mundial, o que trouxe uma redefinição das posições políticas e uma readequação da linguagem política. A recepção de eventos internacionais, especialmente a difusão e discussão na imprensa, foi capaz de interpelar os atores políticos, exigindo uma posição e atuação concretas. A Guerra Civil Espanhola (1936-39) foi o evento político mais importante nesse sentido. Ela redefiniu decisivamente as sensibilidades políticas no cenário local (Casals, 2016, p.111).

A experiência de uma Frente Popular na Espanha explica, em certa medida, a importância do conflito para intelectuais e políticos chilenos. O jornal *Frente Popular* e a revista *Aurora de Chile* elaboraram inúmeras matérias sobre a resistência republicana e as atrocidades do fascismo, além de apoiar e desenvolver intensa campanha de solidariedade e ajuda ao povo espanhol. A existência, na Espanha, de uma oposição conservadora de cunho fascista e de tradição católica lembravam a realidade chilena, onde existiam setores conservadores vinculados também a uma velha aristocracia rural e um tradicionalismo católico. Entretanto, no caso chileno, o movimento fascista não era majoritário nesse momento, não obstante existir uma direita no poder e uma forte retórica antifascista. O campo político dividiu-se claramente entre esquerda e direita. A figura de Arturo Alessandri, eleito em outubro de 1933 para um segundo mandato, aparecia como ameaça à normalidade democrática. Seu discurso enfatizou uma preocupação com a ordem e disciplina junto a um congresso que lhe outorgou faculdades extraordinárias, o que lhe permitiu caçar dirigentes partidários e sindicais, assim como vigiar e censurar a imprensa (Casals, 2016, p.139).³

2 RAVINES, Eudócio. *La gran estafa*, Libros y Revistas S.A, México, 1952, p.288.

3 Lei nº 5.163 de 28 abr. 1933. Disponível em: <<http://bcn.cl/20ezm>>. Essa lei restrinjava garantias constitucionais e liberdades de imprensa. Teve validade entre 28 abr. e 28 out. de 1933 e foi prorrogada em dezembro desse ano por mais seis meses. Acesso: 12 mai. 2017.

Dessa forma, a construção da Frente Popular no Chile não apenas recebia orientação da Comintern, como respondia a uma percepção dos comunistas no Chile da necessidade de defesa dos princípios democráticos ameaçados pelos partidos conservadores que pretendiam assegurar as transformações econômicas e conter a revolta popular acentuada desde os impactos no Chile da grande crise de 1929.

A produção historiográfica sobre a Frente Popular no Chile tem acentuado sobretudo os aspectos estritamente políticos do processo de constituição da frente, detendo-se no exame das alianças e disputas no interior dos partidos ou entre os partidos que conformaram a aliança (Milos, 2008; Aggio, 1999; Moulian, 2006). As investigações têm aprofundado o papel do Partido Comunista chileno, as diretrizes da Comintern e as configurações locais diante das transformações sociais e políticas do país. Da mesma forma, a influência do Partido Comunista na vida política do Chile, durante o século XX, é reconhecida por diversos setores da historiografia do país que tem dedicado, na produção recente, importante espaço à análise de sua formação e dinâmicas internas (Loyola; Rojas, 2000; Ulianova; Loyola; Alvarez, 2012; Grez, 2011). Estes estudos são imprescindíveis para a compreensão desse intenso período da história política do Chile e foram essenciais na elaboração das questões aqui levantadas. Entretanto, apesar de alguns dessas análises apontarem a participação dos intelectuais na Frente Popular sobretudo nos trabalhos sobre o Partido Comunista do Chile (Alvarez, 2016; Barnard, 1977), poucas têm se debruçado mais detidamente sobre formas de organização e atuação política dos intelectuais nesse processo de formação da Frente Popular (Dalmás, 2012). Alguns estudos, entretanto, foram realizados a partir de experiências similares de organizações de intelectuais formadas, no período, na Argentina e Brasil. Trabalho de fôlego foi elaborado sobre a Associação Brasileira de Escritores (1942-1958) no qual o autor analisa as relações e conflitos dessa importante agrupação intelectual que seguia a orientação aliancista da Internacional Comunista pós-1935 (Lima, 2015). A Associação brasileira, conhecida como ABDE, debatia temas como do antifascismo, democracia e papel do intelectual no mundo, à semelhança da Aliança no Chile, porém a

ABDE apresentava uma formação mais heterogêneo do que a Alianza de Intelectuales de Chile, o que contribuiu para seu desgaste e enfraquecimento (Lima, 2015; Melo 2015). Na Argentina a constituição da Asociación de Intelectuales, Artistas, Periodistas y Escritores (AIAPE) em 1935 também decorre de uma postura ativa dos intelectuais na luta contra o fascismo. O estudo de Adrián Celentano (2006) examina sua fundação e estabelece algumas conexões interessantes com organizações semelhantes na América Latina. A AIAPE foi fundada inicialmente para protestar contra o processamento do poeta González Tuñón e congregou centenas de afiliados. Não por coincidência, Tuñón foi para o Chile na companhia de Neruda, vinculando-se a AICH. A forma de organização, o conteúdo dos debates, as ideias chaves iam na mesma direção da AICH e da ABDE: mobilização contra o fascismo, atuação na imprensa, organização de conferências e divulgação de determinados autores e livros.

Na perspectiva deste trabalho, considero importante o papel desempenhado pelos intelectuais como atores políticos que se inserem no debate público. Eles constroem ideias e elaboram interpretações sobre essa realidade. O Partido Comunista recorre a eles pela legitimidade e reconhecimento social que desfrutam como intelectuais (Sirinelli, 2003, p.243). Este estudo analisa a voz dos intelectuais expressa na revista *Aurora de Chile*. Procura compreender qual o papel desse grupo e como fornecem elementos para a percepção da realidade política do país.

A reflexão sobre o papel dos intelectuais na América Latina tem, atualmente, uma trajetória bastante rica. Deve-se destacar como trabalho pioneiro, o estudo de Angel Rama, que faz uma das mais importantes tentativas de identificar qual dimensão desse intelectual na construção da América Latina. Inicialmente confundido com a própria ideia do Estado, como portador de uma escrita fundadora, esse intelectual vai, entretanto, elaborando dialeticamente sua própria autonomia a partir de uma ideação crítica. Uma das elaborações mais proeminentes de Angel Rama foi demonstrar o quanto o intelectual no novo continente esteve imbuído da tarefa de construção de uma ordem social. Vinculando o intelectual não apenas às fundações nacionais como criando vínculos

e identidades nesse novo território. Nesse sentido, na elaboração de Rama, a concepção de intelectual está atravessada permanentemente por um sentido de política (Rama, 1998)

A relação do intelectual com a política, ocupa nos anos 1930, lugar central, como poderemos observar. O próprio processo de sua incorporação, pelos partidos comunistas, como ator chave na intervenção pública, evidencia a autoridade moral e influência na construção das lutas políticas. Entretanto sua atuação, quando vinculada a uma revista, está entrelaçada a uma rede e representa, como afirma Carlos Altamirano (2010, p.20), um esforço conjunto de cooperação de um grupo vinculado a um “círculo ideológico” ou agremiação literária mais ampla. Neste estudo pode-se apontar para a ideia do “círculo ideológico” representado pelos intelectuais com laços ou simpatias pelo Partido Comunista do Chile e especialmente aderentes à luta contra o fascismo.

A ORGANIZAÇÃO DOS INTELECTUAIS

Em 1937, em Santiago, no Salão de Honra da Universidade do Chile, em ato público realizado em sete de novembro, foi fundada, por um grupo de escritores, jornalistas, professores e artistas, a seção chilena da Alianza de los Intelectuales en Defensa de la Cultura. Nesse ato, lançam seu primeiro manifesto assinado por 150 escritores chilenos e estrangeiros que viviam no país. Entre os oradores desse evento, estavam Pablo Neruda, Julio Barrenechea, Raúl González Tuñón, Luis Alberto Sánchez, Acario Cotapos, Gerardo Seguel, entre outros. Essa organização tinha em Neruda uma das figuras centrais e fazia parte de uma rede internacional de intelectuais contra o fascismo. O compromisso de Neruda com as questões sociais e política já aparece nos anos 1920, quando ingressa na Federación de Estudiantes de la Universidad de Chile (FECH) em Santiago e é um dos colaboradores da revista Claridad, órgão da FECH. Na revista os estudantes expressavam seu apoio às reivindicações populares e seu sentimento de “ser a vanguarda da classe operária e do povo” (Costa, 2007, p.40). Na Espanha Neruda dirigiu a revista literária *Caballo verde para la poesía* do poeta e editor

Manuel Altolaguirre (1905-1959). Nela também Neruda expressa claramente seu compromisso com uma arte engajada e sua convicção sobre o compromisso do escritor com o seu tempo (Costa, 2007, p.93).

A organização da AICH foi decidida no Congresso de Valência, do qual Neruda participa e no qual assume o compromisso de criar a Aliança no Chile. A escolha da data de inauguração não é casual: 20º aniversário da Revolução Russa e aniversário da defesa republicana de Madrid, como apareceria posteriormente nas notícias da AICH no primeiro número da revista *Aurora de Chile*. À solenidade de fundação, comparecem escritores, artistas, jornalistas, estudantes e professores de diversos matizes políticos e artísticos. A uni-los, estava a luta contra o fascismo. Um mês depois, a Aliança realizava a Primeira Feira do Livro de Santiago (Teitelboim, 1996, p.233).

A criação dessas entidades está inserida numa mobilização iniciada em 1932 com a criação, em Paris, da *Association des Écrivains et Artistes Révolutionnaires* (AEAR). Nesse mesmo ano, realiza-se em Amsterdam, entre os dias 27 e 29 de outubro, um Congresso mundial contra a guerra. No ano seguinte, em 1933, concretizam novo encontro antifascista celebrado em Paris, de 4 a 8 de junho. Congresso semelhante aconteceu em Moscou em 1934. Daí partiram alguns escritores comunistas para Paris, em 1935, onde realizaram o I Congresso Internacional de escritores pela defesa da cultura (Ory, 1986, p.93-112). Em 1937, em plena Guerra Civil Espanhola (1936-1939), realizaram, na cidade de Valência e depois em Madrid e Barcelona, o II Encuentro de Escritores en Defensa de la Cultura, conhecido posteriormente como Congreso Internacional de Intelectuales Antifascistas. O Congresso dividiu-se em várias sessões e foi realizado entre os dias 4 e 17 de julho: iniciou-se em Valência, passou para Madrid (5 a 8 de julho), retornou à Valência (10 julho), foi para Barcelona (11 de julho) e finalizou em Paris (16 e 17 de julho). A escolha da Espanha foi anunciada por Romain Rolland, Heinrich Mann e André Malraux e teve o propósito de sublinhar a posição de escritores de distintos lugares do mundo de resistência ao fascismo (Oliveira, 2013, p.192). Estiveram presentes nele nomes como Bertolt Brecht, Hemingway, John Dos Passos, Octavio Paz, Pablo Neruda, Hermann

Hesse entre uma dezena de nomes com destacada atuação e trajetória intelectual (Cordero, 2009, p.739).

Ao indicar essa breve cronologia dos congressos de intelectuais, não quero concluir tratar-se de evolução homogênea. Devo destacar que se tratou de um processo repleto de nuances e tensões. Quando, em 3 de março de 1932, o Partido Comunista Francês, com H. Barbusse lançou o manifesto e a ideia do Congresso de Amsterdã contra a guerra, a compreensão entre os intelectuais sobre os significados do encontro não era uniforme. Para Romain Rolland, por exemplo, tratava-se de um congresso com a participação de todos os partidos de esquerda, já para H. Barbusse o congresso deveria seguir a linha do Partido Comunista (Prezeau, 1984, p.3).

Alguns historiadores apontam que a realização dos Congressos de Escritores era orquestrada centralmente por intelectuais comunistas que seguiam orientações da URSS (Ory, 1986, p.96; Winock, 2000, p.367). O papel da Comintern, nos anos 1930-40, na organização de associações de escritores e intelectuais e na realização de Congressos deve ser sublinhado precisamente pela diversidade de cada cenário nacional. Se a orientação partia dos comunistas, a participação nos encontros e associações era bastante heterogênea, procurando trilhar uma linha de aliança antifascista. Elas envolviam uma ampla gama de escritores afinados na luta contra o fascismo, mas nem sempre convictos da necessidade de uma hegemonia comunista e se valiam de vínculos e circuitos construídos em suas atividades intelectuais. Por outro lado, as dinâmicas políticas de cada país redefiniram as formas que tomaram as alianças e associações intelectuais dentro mesmo das hostes comunistas.

A luta contra o fascismo norteou os objetivos das organizações intelectuais nesse período. A orientação política dos partidos comunistas que tomam a frente nesse processo, a partir de 1935, foi de abandonar a linha política de “classe contra classe” e adotar uma política de unidade para combater o inimigo comum. Já em fevereiro de 1935, enviados da Comintern chegam ao Chile com a missão de apresentar mudanças de linha do Partido Comunista, propondo amplo movimento de Frente Única (Alvarez, 2016, p.27). Desde a ascensão de Hitler como chanceler

na Alemanha, começaram a emergir, nos partidos comunistas europeus, as tentativas de unidade antifascista com os partidos socialistas.

Paralelo ao estímulo de formação de organizações intelectuais, foram criados, sob orientação do Partido Comunista, jornais e revistas com a função de realizar um amplo trabalho de divulgação de ideias e atividades culturais e políticas contra o fascismo e em defesa da Frente Popular. Nesse período no Chile, além dos jornais *Frente Popular* (1936-1940), *El Siglo* (1940-1948), e jornais menores, em outras regiões do país, circulava também a revista *Princípios* (1935-1947) que, diferente de *Aurora de Chile*, estava voltada para a formação política e ideológica (González, 2011). Igualmente nesse período tem importância destacada o periódico *La Mujer Nueva* (1935-1941), publicação do Movimiento por Emancipación de las Mujeres de Chile, que sob influência do Partido discute o papel da mulher na Frente Popular.

No Chile, segundo informe de Galo González, citado por Rolando Álvarez, existiam “frações” comunistas espalhadas em diversas organizações, entre elas, cita: Frente Popular, Central de Trabalhadores de Chile (CTCH), Alianza Libertadora de la Juventud, Comité Pro Ayuda a España, Movimiento por Emancipación de las Mujeres de Chile, Estudiantes Universitários, Liga de los Derechos del Hombre, além das federações de trabalhadores como panificadores, construção, metalúrgicos, marítimos, portuários, ferroviários, têxteis, trabalhadores municipais e professores (Alvarez, 2016, p.28). Além disso, o PCCh criou uma série de organizações com o objetivo de dar suporte à causa frentista, entre elas, estava a AICH, que, segundo o historiador britânico Barnard, conseguiu ligar uma “impressionante variedade de intelectuais” à causa da Frente Popular (Barnard, 1977, p.203).

Portanto, a formação da Aliança de Intelectuais no Chile deve ser compreendida em estreita relação com a constituição da Frente Popular no país, desde fevereiro de 1936, que, se bem estivesse relacionada à estratégia do comunismo internacional, formou-se a partir das dinâmicas políticas e sociais internas (Milos, 2008, p.28). A peculiaridade da Frente Popular no Chile deve ser entendida a partir do importante papel desempenhado pelos partidos Radical e Socialista e a uma tradição

política anterior de conformação de alianças ou blocos como o Block de Izquierdas (1934-35), Frente Único Socialista (1933), Frente Obrero de los Trabajadores Revolucionarios (1932), Alianza Socialista Revolucionaria de Trabajadores (1932) Comité Revolucionario de Frente Único Obrero (1931) (Aggio, 1999, p.102).

Entretanto, deve-se salientar que essa tradição de alianças, nos anos 1930, chocava-se com a orientação oficial que, até 1935, prevaleceu no PCCh. Sob o ponto de vista do Partido Comunista Chileno, esse período anterior à formação da Frente Popular foi marcado por tensões fruto das divergências com relação às estratégias que o Partido deveria adotar diante da repressão de Ibañez del Campo (1927-31). Enquanto alguns membros do PCCh defendiam uma posição de construção de alianças, outros militantes, seguindo a orientação da Comintern, tomavam uma posição oficial de luta de “classe contra classe”, portanto negando qualquer possibilidade de construção de alianças políticas (Grez Toso, 2015, p.465-503).

Nesse cenário, vale lembrar também o próprio processo histórico de crescimento dos protestos populares decorrentes da crise econômica que se desenvolve nos anos 1930 e, posteriormente, a continuidade da repressão com o governo de Arturo Alessandri Palma (1932-38) com marcada violência e suspensão das liberdades públicas. Em fevereiro de 1937, Alessandri promulgou a Lei nº 6.026, conhecida como Lei de Seguridad Interior del Estado que formaliza as práticas de vigilância, prisão e proibição de reuniões assim como controle sobre a circulação de impressos (Lira; Loveman, 2014, p.291). Com essa lei e, ainda, o rechaço de sua inscrição no Registro Eleitoral, o Partido Comunista foi mantido na semilegalidade até 1938 com a vitória de Aguirre Cerda. Para subsistir dentro do sistema de partidos, os comunistas criaram uma nova sigla nomeada de Partido Nacional Democrático. Esses fenômenos fizeram perceber aos partidos de esquerda e, especialmente ao Partido Comunista, a necessidade de construção de alianças com o fim de defender as liberdades políticas. (Casals, 2016, p.107). O processo de construção da Frente Popular tornou possível a criação da AICH em 1937.

A REVISTA AURORA DE CHILE

A revista *Aurora de Chile* foi criada em Santiago no ano seguinte ao da fundação da AICH. Seu surgimento foi anunciado em alguns jornais e revistas como no jornal *Frente Popular* e na revista *Ercilla*. Logo após a estreia, o jornal frentista chamava a atenção para a qualidade da revista, dos artigos, da impressão e, sobretudo, destacava a importância e papel na defesa da cultura e da democracia. Na capa de *Aurora de Chile*, o subtítulo explicitava tratar-se de uma publicação da *Alianza de Intelectuales de Chile*. Neruda era apresentado como diretor, acompanhado ainda dos redatores Roberto Aldunate (1898-1980), Luis E. Délano (1907-1985), Rosamel de Valle (1901-1965) e Diego Muñoz (1903-1990). Os quatro eram conhecidos escritores e críticos que publicavam em importantes jornais e revistas de Santiago.

Além desses nomes, outras colaborações são anunciadas, tais como a escritora Marta Brunet (1897-1967), o historiador e reitor da Universidade do Chile Domingo Amunátegui Solar (1860-1946), Ricardo Latcham (1903-1965), um dos membros fundadores do Partido Socialista em 1933 e deputado em 1937-41, Luis David Cruz Ocampo (1891-1972), que foi presidente da AICH na cidade de Concepción, além do prestigiado historiador Ricardo Donoso (1896-1985) e Guillermo Feliú Cruz (1900-1973), ambos intelectuais e docentes da Universidad de Chile.

Os aspectos materiais de uma publicação são indicativos valiosos que permitem saber sobre a periodicidade, formas de circulação, a qualidade técnica e os grupos econômicos e políticos que dão suporte às publicações, assim como as disposições gráficas e textuais manifestam interesses e escolhas ideológicas e políticas. No caso do periódico aqui examinado, a revista apresentou, no rodapé de algumas páginas, o local de confecção, o que nos permite concluir que, nesses dois anos, sua impressão esteve a cargo, primeiro da gráfica Leblanc e, depois, da gráfica Antares. Esta última era ligada ao Partido Comunista e, por isso, foi assaltada pelas forças de repressão em 1936 (Alvarez, 2016, p.39). Anúncios de seus serviços eram publicados constantemente no jornal *Frente Popular*. Após a vitória de Aguirre Cerda, a impressão de *Aurora*

de Chile passou a ser realizada nas oficinas gráficas *La Nación S.A.*, responsável pelo periódico oficial do governo, como indica o nome. Os informes sobre as assinaturas dão indícios, por outro lado, de que a publicação conseguia seu financiamento por meio de assinaturas, doações e algumas propagandas, além de obter apoio de uma rede de partidos que compunham a Frente Popular. Cada exemplar custava um peso, preço superior ao diário *El Mercurio*, jornal de grande circulação, que vendia o exemplar ao preço de sessenta e cinco centavos de pesos.

O primeiro número da revista foi lançado com apenas oito páginas, em seguida, os demais alcançam maior volume, chegando a vinte páginas. A publicação não atingiu uma periodicidade regular durante os vinte números que vieram à luz, porém foi um espaço de militância que conglomerou diversos intelectuais e artistas identificados com a luta contra o fascismo, especialmente, naquele momento com a defesa dos republicanos da Espanha. O vigor dos debates e das posições, no campo cultural e político, era alimentado pela perspectiva frentista de combate ao inimigo comum representado pelo fascismo. A revista destacava os acontecimentos na Espanha, a luta antifascista naquele país, mas deixava implícitas as semelhanças com a realidade chilena. Ao mesmo tempo em que falava do fascismo europeu, remetia diretamente ao crescente autoritarismo do governo de Alessandri.

Os editores colocaram em destaque, no primeiro número, uma citação de 1812 de Camilo Henríquez (1769-1825), homem de letras, sacerdote e escritor, um dos principais defensores da independência do Chile e fundador, em 1812, do primeiro jornal do Chile independente, intitulado *Aurora de Chile*. Inspirando-se nele, a nova publicação evoca o espírito de independência daqueles anos. A citação contrapunha “a tirania”, “as atrocidades” e a ambição de uma corte corrompida à “alma varonil”, que se expõe a todos os perigos para “sacudir o jugo dos tiranos”.⁴ Em seguida, a revista iniciava seu primeiro editorial da seguinte forma: “CONTINUA. Reaparece esta Aurora. Es el espíritu de la Independencia que reaparece, que continúa, que quiere rehacer su espaciosa

4 *Aurora de Chile*, 1 ago. 1938, p.1.

labor de libertad en una nueva época chilena parecida a la época de la primera Aurora”⁵

A chamada trazia o título lateralmente anunciando “Os intelectuais chilenos falam em 1938”. O editorial exprimia a perspectiva de engajamento intelectual que a AICH portava e estabelecia um paralelismo entre o fascismo nacional e o europeu. Nesse primeiro número apresentava uma declaração de princípios que, devido à censura, era vaga e genérica, mas não deixava de apontar a ameaça fascista. Dizia o editorial:

“[...] un mundo más despiadado, más descarado por la violación de todo fundamento moral y acostumbrados al crimen fascista de cada día, sentimos más cruelmente amenazada a nuestra patria, por fuera y por dentro. Un pueblo desesperado y abandonado, una clase feudal de gobernantes aliados claramente a la corrupción y a la violencia totalitaria [...]”⁶

Inserida dentro de um projeto político, *Aurora de Chile* pretendia seguir o modelo do *El Mono Azul*, publicação dos intelectuais republicanos espanhóis, voltada para a campanha antifascista. Obviamente que as distâncias e situações distintas não podem ser esquecidas. Enquanto na Espanha *El Mono Azul* procurava levar informações para as trincheiras e incrementar o combate dos republicanos numa luta sangrenta e desigual, em situação de guerra efetiva, em Santiago do Chile, a revista procurava convocar a solidariedade dos chilenos, sensibilizando-os para a tragédia espanhola e alertar para os perigos de que algo similar poderia desenvolver-se no Chile.

Deve-se também levar em conta as redes intelectuais construídas em torno da mobilização política em auxílio aos exilados espanhóis. Por um lado, a solidariedade mobilizou uma considerável comunidade de intelectuais de esquerda no continente, especialmente Brasil, Argentina, México e Chile onde se criaram comitês de ajuda. Por outro, a diáspora da Guerra Civil levou para esses países, inúmeros intelectuais e editores

5 *Aurora de Chile*, 1 ago. 1938, p.1.

6 *Aurora de Chile*, 1 ago. 1938, p.1.

que irão exercer um importante papel no âmbito da cultura e na luta antifascista (Soares, 2007).

A revista Aurora de Chile, além de reiterar a tônica republicana de luta pela democracia, pela liberdade e autonomia das nações e pela dignidade humana, vinculou a criação da AICH ao movimento internacional de solidariedade ao povo espanhol concretizado nas alianças e congressos dos intelectuais.⁷ A revista procurou dar destaque a todas as atividades realizadas pela AICH, destinando uma coluna de página inteira aos eventos e manifestações de solidariedade e apoio realizadas pela aliança à Espanha assim como a intelectuais e militantes latino-americanos perseguidos ou censurados.

A coluna descrevia as ações culturais realizadas pela AICH, tais como leitura, discussão e estudo de escritores e poetas e procurava homenagear autores que, como afirmava, estavam “estreitamente vinculados ao povo” e eram perseguidos por assumir essa posição, numa tentativa de tornar claro o esforço de diminuição das distâncias entre o intelectual e o trabalhador. No discurso da revista, eram eles, os intelectuais, quem realizavam essas ligaduras. Os homenageados foram escolhidos de acordo com o compromisso que, como intelectuais, estavam dispostos a assumir fosse na produção artística, profissional ou literária, fosse na atuação política. Junto a Santiago, outras províncias do Chile também deram início, nesse momento, à criação dos seus núcleos da Aliança entre eles Iquique, Antofagasta, Valparaíso, Concepción e Temuco. A revista noticia as palestras, lançamento de livros e realização de atividades culturais como estratégias de educação popular.

Deve-se destacar que essas atividades estão no marco de crescimento de um mercado editorial, segundo esclarece Subercaseaux. No Chile, durante esses anos pós crise de 1929, o mercado editorial alcança grande profusão. Considerada a época de ouro da indústria editorial no Chile, os anos 1930 a 1950 registram um crescimento sem precedentes, na edição e publicação de livros nacionais e estrangeiros. Serão especialmente as editoras como Zig-Zag fundada em 1934 pelos proprietários

⁷ *Aurora de Chile*, 1 ago. 1938, p.3.

do periódico *El Mercurio* e o editorial *Ercilla* fundada em 1933, que levam a dianteira no negócio de livros (Subercaseaux, 2008, p.221).

Esse crescimento do mercado editorial possibilitou o crescimento do campo intelectual e uma especialização e reconhecimento social (Charle, 2000), mas essa transformação não ocorreu sem contradições como aponta Patrícia Funes ao analisar esse campo intelectual na América Latina. Segunda a autora, “paradoxalmente, em um momento de bifurcação, especialização e codificação de campos disciplinários, próprio da dinâmica científica da modernidade (...) estes intelectuais procuram retomar a ideia de certa unidade e identidade de direitos e deveres, em prol de uma Razão e de uma Verdade, que seus saberes não podem validar, mas a partir dos quais são escutados socialmente” (Funes, 2006, p.41).⁸

ESCRITORES EM LUTA

A revista *Aurora de Chile* foi fundada num ano de eleições e marcado por controle e censura da imprensa. Na acirrada campanha presidencial de 1938, dois candidatos se enfrentaram, representando forças opostas: o candidato do Partido Liberal, Gustavo Ross, ministro da Fazenda do governo Alessandri, aglutinando os interesses dos grandes proprietários agrários e da Igreja Católica; por outro lado, o candidato Aguirre Cerda, que conglomerava na Frente Popular os partidos de centro-esquerda.

A eleição de 1938 foi um marco na história política do Chile, ao eleger uma coalisão que se manterá no poder até 1947. O resultado dessa eleição foi fruto, segundo Moulian, de uma crise da capacidade dos grupos dominantes de construir uma força dirigente que unificasse as diversas frações da burguesia. A escolha do candidato Gustavo Ross para representar os interesses dos grupos dominantes, significou a vitória de um enfoque liberal ortodoxo, surdo às demandas de justiça social e finalmente derrotado pelo candidato da Frente Popular (Moulian, 2006, p.23).

⁸ Tradução livre do espanhol realizado pela autora.

Em contrapartida, a agudização dos problemas das liberdades públicas, apontado anteriormente, e o avanço da direita nas eleições parlamentares de 1937, serviram para chamar a atenção sobre a necessidade de agrupar as forças amplas em torno da Frente Popular

A revista *Aurora*, ou seja, os intelectuais da AICH demonstraram um comprometimento com as orientações do Partido Comunista. Note-se que o lançamento da Aliança é difundido nos jornais *Frente Popular* e *Claridad*. O primeiro, apesar de representar os partidos da Frente, era controlado pelos comunistas, já o segundo era do Partido Socialista (Milos, 2008, p.9). No primeiro, a difusão é feita durante os três dias que antecederam a cerimônia de criação, realizada em sete de novembro de 1937. Foram publicadas matérias de página inteira, com entrevistas, declarações de escritores e uma manchete em letras garrafais. Os jornais conservadores como *El Mercurio* e *Últimas Notícias* apenas publicaram uma nota pequena, na página de Vida Social, na qual dão informações sobre a criação da AICH.

A revista assumiu uma posição atuante na campanha de Aguirre Cerda. Na edição de três de setembro desse ano, alertava para a quebra das “formas democráticas” consagradas pela Constituição, referindo-se ao governo Alessandri. Dizia que o governo, obcecado com as eleições, realizava “intervenções descaradas” e ditava leis sem consulta. Tudo isso, segundo afirmava, tinha criado uma “atmosfera irrespirável” de ódios, sobressaltos e violências que fazia temer pelo futuro imediato do país.

Certamente a coluna discutia as consequências dos fatos ocorridos em agosto, quando o governo entrou em conflito direto com o parlamento. Lembremos que, em nove de agosto, o ministro do Interior de Alessandri participou de uma sessão na câmara dos deputados em que ele defendeu o projeto de aumento das tarifas de luz. As críticas sofridas pelo ministro encontram resposta do governo não apenas pelas declarações oficiais, como, em fins de agosto, deu início a um processo judicial contra quatro parlamentares: Gabriel González, Justiniano Sotomayor ambos do Partido Radical e Jorge González Von Marées do Movimiento Nacional Socialista de Chile e Manuel Eduardo Hubner do Partido Socialista.

A estratégia de defesa da democracia reaparece no segundo número de *Aurora de Chile*. Na primeira página foi publicada uma nota destacada à direita, na qual os editores protestam contra uma medida do governo chileno, de censura aos professores. Segundo afirma:

Los profesores, elementos poderosos de divulgación cultural, han sido inhibidos del derecho de expresar sus opiniones políticas en un país que, según la Constitución, es democrático y debe permitir a todos los ciudadanos la libre manifestación de su pensamiento. Protestamos enérgicamente en contra de las medidas gobernativas que han restringido su libertad a la más respetable de nuestras fuerzas sociales.⁹

Quando a revista surge, em agosto de 1938, o país vivia um período de intensas disputas políticas e ameaças à normalidade democrática. Publicar uma revista com a participação de escritores conhecidos e venerados publicamente aparecia como uma contundente estratégia de atuação em defesa da Frente Popular e de luta antifascista. O temor à possibilidade de seguir os rumos da Espanha não estava descartado. Em uma entrevista realizada com Gabriel González, perguntam-lhe se poderia acontecer no Chile o que acontecera com a Espanha em 1936, com a reação de Franco à Frente Popular. González nega essa possibilidade, no entanto, ela representa bem a atmosfera reinante de conflito político (Milos, 2008, p.304).

Para dar mostras do que, de fato, estava acontecendo, *Aurora de Chile*, em sua edição de dezoito de setembro, dia de celebração nacional da independência, lança na primeira página, o decreto de censura à publicação. O país vivia uma grave crise política. Em doze de setembro desse ano, o senado decretou faculdades extraordinárias ao Presidente e Estado de Sítio, após o episódio que ficou conhecido como *La masacre del Seguro Obrero*. Em cinco de setembro de 1938, um grupo de militantes do Movimento Nacional Socialista Chileno deu início a uma tentativa de golpe de Estado. Um grupo armado ocupou o edifício do

⁹ Aurora de Chile, 17 ago. 1938, p.1.

Seguro Obrero, na esquina do Palácio La Moneda, enquanto que outro, formado por estudantes, ocupou a casa central da Universidade do Chile, nas proximidades. A reação do governo foi primeiro reprimir fortemente os estudantes e, depois de detê-los, levá-los ao edifício do Seguro Obrero. Reunidos, esses militantes foram, em seguida, encaralados pela polícia, sendo cravejados a bala e mortos. Esses acontecimentos, às vésperas das eleições, deram claras demonstrações do autoritarismo do governo. Mais do que nunca, o discurso da Frente Popular e dos comunistas, da defesa da democracia, alcançava ressonância.

Além dos nomes frequentes do Comitê Editorial da revista, diversos colaboradores, nomes importantes do cenário intelectual, assinaram suas matérias. Em junho de 1939, próximo de completar um ano de circulação, a revista publicou uma lista de membros da Aliança. A divulgação da lista era uma resposta às acusações de que eram uma organização de intelectuais menores que não tinha em seus quadros os importantes intelectuais do momento, portanto uma organização pouco significante para a cultura nacional. A nota que antecedia a citação dos nomes afirmava ainda que essa era uma propaganda fascista que queria desprestigar a AICH. Nesse sentido, publicaram extensa relação de nomes de intelectuais integrantes da AICH, bem como as atividades que exerciam. Na lista, foram mencionados sessenta e quatro nomes, segundo diziam, listados rapidamente, dando a entender que o número era maior. Eram eles escritores, poetas, jornalistas, professores, pintores, dramaturgos, músicos e compositores que ocupavam cargos importantes como de direção de orquestra, direção no Ensino Superior e Ensino Médio, ou eram conhecidos por suas atividades artísticas e culturais e pelo trabalho na imprensa.

A polêmica em torno de quem eram esses intelectuais e a desqualificação tanto da AICH quanto dos seus membros teve início numa conferência do poeta surrealista Henrique Gomes realizada na Universidade do Chile no dia quatro de junho de 1939 e publicada na revista *Mandrágora*. O autor acusou Pablo Neruda, González Tuñon, Tomás Lago, Diego Muñoz e Gerardo Seguel de serem “misticadores e envenenadores da realidade”, falsos revolucionários que utilizavam, de

modo irregular, o dinheiro das doações aos republicanos da Espanha. As considerações desqualificadoras são voltadas também para a Aliança, apontada por desenvolver o que considerou um trabalho lamentável. A fala que foi publicada no mesmo ano reproduz essas acusações e faz um alerta aos partidos Comunistas e Socialistas para que julguem a conduta desses homens.

Do grupo mencionado, na lista de colaboradores de *Aurora de Chile*, alguns pertenciam ao que ficou conhecido como Geração de 1938, ou seja, um grupo literário fortemente preocupado com a problemática social e vinculado ao pensamento marxista e às aspirações de transformações sociais. As preocupações estéticas desses escritores estavam centradas no homem comum, operário ou camponês, em sua épica cotidiana.

Aurora de Chile fazia um trabalho de difusão e propaganda de tudo que fosse positivamente relacionado a seus membros. Em 5 de junho de 1939, publicou a notícia dos autores agraciados pelo Prêmio Municipal de Literatura, oferecido anualmente pela municipalidade de Santiago às melhores obras publicadas nos gêneros de novela, poesia e teatro. Os nomes desse ano foram Rubén Azócar por sua novela *Gente en la Isla*; Nicanor Parra por *Cancionero sin nombre*, e Santiago del Campo por *California*. Os três são exaltados por serem ativos membros da AICH, o que, na afirmação da revista, contradiz veementemente as acusações de que a AICH vinha sofrendo de não ser uma entidade que representasse o mundo cultural e intelectual do Chile.

As críticas aos intelectuais da AICH mencionadas em *Aurora de Chile* expressam as rivalidades e disputas desse “pequeno mundo” intelectual do qual nos fala Sirlinelli (2003). Havia, de fato, entre surrealistas e comunistas, diferenças de compreensão do papel dos intelectuais e artistas na atividade política e, sobretudo, discordâncias a respeito das posições da Comintern e da ingerência do partido na criação artística.

Mas o conflito não pode ser explicado apenas pelos desafetos e disputas locais. Os surrealistas, na Europa já nos anos 1930, opuseram-se à política pacifista do Comitê Amsterdam-Pleyel, dirigida por Romain Rolland e Barbusse, e condenavam as perseguições a Trotsky. A revista

Aurora, nesse sentido, acompanhou de perto e seguiu as orientações do Partido e não apenas por presunção censuravam a posição dos escritores da *Mandrágora*. As críticas ao Stalinismo eram silenciadas. Uma reportagem sobre Neruda, realizada pela revista *Ercilla*, ao falar sobre sua estadia na França, pergunta se Neruda falou com André Gide, que, em 1936, havia publicado seu livro de crítica à URSS. O poeta chileno não apenas nega, como afirma ser aquele um escritor muito desprestigiado na Europa e acrescenta que só falou com escritores franceses de esquerda como Malraux.¹⁰ Lembremos que, em julho de 1938, na Cidade do México, Bretón e Trotsky haviam publicado o manifesto “Por uma arte revolucionária e Independente”. Na revista *Aurora*, não é mencionada uma palavra sobre Trotsky ou feita qualquer menção a esse manifesto, mesmo sendo ela uma publicação voltada para a cultura. De modo diverso agiu a revista *Ercilla*, que publicou reportagem sobre a perseguição de Stálin a Trotsky em 18 de junho de 1937.¹¹

AURORA E O FRENTISMO

Segundo Rolando Alvarez, a estratégia da Frente Popular no Chile não surgiu somente como luta antifascista. Na verdade, foi sobretudo uma estratégia para retirar a direita do poder. Porém, como na Europa, a Frente Popular colocou, no centro do debate, a questão da democracia, tema que já fazia parte da tradição comunista situada nos primeiros anos do Partido e especialmente liderada pela figura de Luis Emilio Recabarren (Alvarez, 2016, p.29). O conhecido discurso dos senadores comunistas Elias Lafferte e Carlos Contreras Labarca, em 1937, enfatizam a posição do partido na defesa da democracia:

10 *Ercilla*, 15 out. 1937.

11 A revista *Ercilla* se apresentava como uma publicação neutra, porém, conforme pesquisas, efetivamente dava espaços maiores aos socialistas e radicais e não, da mesma forma, aos comunistas. Seus editores estavam estreitamente vinculados aos apristas do Peru, REIS 2012, p.3.

[...] Defendemos la democracia porque nuestra orientación política no la determinan principios filosóficos abstractos, sino que ella proviene de la realidad que nos presenta la vida en su constante devenir, y hoy que precisamente la vida ha colocado al mundo en el duro trance de elegir entre democracia y fascismo, nosotros nos pronunciamos por la democracia y defendemos la causa de la democracia.¹²

O exame dessa revista coincide com essa perspectiva. Foi possível identificar na publicação as transformações da linha editorial coincidentes com o clima político nacional. A revista procurou, por meio da centralidade da questão espanhola, alertar para a defesa das liberdades públicas no Chile.

A edição de doze de outubro é bastante emblemática para identificar as ideias que a Aliança tratou de defender em torno da candidatura de Aguirre Cerda e do que representou a Frente Popular para esse conjunto de intelectuais. A publicação foi inteiramente dedicada à campanha do candidato frentista. As palavras de ordem circulavam nos eixos de “liberdade dos chilenos”, “afirmação dos princípios democráticos” e “emancipação econômica do Chile”.

A discussão em torno ao fascismo foi acompanhada pelos sombrios diagnósticos sobre a realidade local e os perigos efetivos de uma ditadura representado pelo candidato de direita Gustavo Ross. Tratava-se nesse momento, segundo dizia, do destino do país, de estabelecer qual seria a política social futura. Os termos da discussão estavam desenhados a partir de uma oposição entre democracia, o “bem-estar comum”, o “engrandecimento material e cultural”, por um lado, ou a manutenção de uma “plutocracia”. Uma das frases da campanha apresentadas pela revista em letras garrafais era: “un voto por Aguirre es un voto por la libertad”.¹³ O sentido era o de realçar as medidas restritivas impostas pelo

12 LAFFERTE Elias; LABARCA, Carlos Contreras. “Los Comunistas, el Frente Popular y la Independencia Nacional, Discurso en el Senado y la Cámara de Diputados”, 1937, p.13. Disponível em: <<http://www.memoriachilena.cl/602/w3-article-98540.html>>. Acesso em: 29 jul. 2017

13 *Aurora de Chile*, 12 out. 1938, p.11.

governo de Alessandri. As censuras, prisões e arbitrariedades estavam personificadas no candidato que havia sido seu ministro da Economia.

Outra ideia chave reafirmada em *Aurora de Chile* foi a de unidade. Em artigo assinado por Oscar Schnacke, senador socialista, o autor fez uma análise da atuação do Partido Socialista chileno para afirmar seus desígnios diante da nova realidade. Dois foram os propósitos do partido nesse momento, destacados em letra de forma: a luta contra o imperialismo e contra a oligarquia nacional. Schnacke procurou esclarecer os objetivos que levaram o partido a formar parte da Frente Popular. Não pairavam dúvidas em seu argumento, uma vez que ela representava a unidade da classe operária, camponeses e classe média, que juntas lutariam contra o imperialismo e a oligarquia nacional.¹⁴

Também o Partido Comunista teve uma coluna nesse número especial dedicado à Aguirre Cerda. O autor, Carlos Contreras Labarca, Secretário Geral do Partido, evocou a trajetória de mobilização e unidade que marcou o Partido Comunista desde o início. Elaborando uma interpretação em que recolheu as “melhores tradições de Recabarren”, com o sentido de cumprir sua “consigna”, que era de unir, segundo afirmava em letras garrafais.¹⁵ As diferenças e tensões intrapartidárias foram, nesse momento, abandonadas em nome de uma causa maior, a luta contra a direita então representada por Ross.

Onze dias depois, foi lançada uma nova edição da revista. A proximidade com as eleições polarizou as discussões. Foram apresentadas visões simplificadas e caricaturescas dos candidatos, especialmente com desvantagem para o opositor. Em uma das matérias, foram expostas, em colunas lado a lado, quinze razões para votar em Aguirre Cerda e quinze para não votar em Gustavo Ross. Enquanto Aguirre Cerda foi apresentado como um homem de “contextura moral”, “espírito democrático” e “humanista”, entre outras qualidades, Gustavo Ross representava os “interesses do capital estrangeiro”, a “especulação” e um homem sem “afetos pela pátria”.

14 *Aurora de Chile*, 12 out. 1938, p.6.

15 *Aurora de Chile*, 12 out. 1938, p.16.

Essas duas últimas edições, anteriores às eleições, apontam para os nexos entre os intelectuais da AICH e a Frente Popular. A eleição era um divisor de águas. Diziam: “El 25 de octubre se sabrá se seguiremos viviendo según normas relativamente democráticas o si se someterá al pueblo a la más rígida y odiosa de las dictaduras”.¹⁶ A discussão reiterou a necessidade de defesa da democracia e das liberdades públicas no Chile. Indicando muito claramente a perspectiva de aliança e de construção da Frente Popular. A edição de 12 de outubro de 1938, véspera das eleições, foi inteiramente dedicada ao candidato Aguirre Cerda.

Com a vitória de Aguirre Cerda, *Aurora de Chile* manteve sua postura combativa em defesa da Frente Popular. Se dividirmos seus artigos entre os números anteriores à vitória de Aguirre Cerda (voltados fortemente para o perigo do fascismo e a campanha de Aguirre Cerda) e os artigos do período da Frente Popular (que acentuaram as conquistas do novo governo, sem deixar de lembrar os perigos do fascismo), percebe-se uma mudança em termos mais propositivos. Na situação nacional, a luta antifascista era expressa na Frente Popular, daí a necessidade de dar apoio ao presidente Aguirre Cerda.

Após as eleições de vinte e cinco de outubro, *Aurora de Chile* não lançou seu número seguinte em novembro, mas apenas em três de dezembro. Nesse número, em editorial, lembrou aos leitores o aniversário de um ano da AICH e a atuação de Pablo Neruda. Sobre Neruda ressaltou seu trabalho intenso e permanente para combater a “obra destrutiva dos inimigos da civilização”. A AICH nasceu dessa necessidade combativa. Era preciso reunir, numa organização, todos os homens que exerciam um trabalho intelectual, ou seja, escritores, pintores, músicos, comediantes, dramaturgos, romancistas, jornalistas e profissionais liberais. Mas o editorial retomou a questão das críticas à Aliança, que, ao que parece, não foram superadas. O autor, que assinou com as iniciais R. A., provavelmente Rubén Azócar, atribui a uma “inflexibilidade perniciosa”, a “incompreensão das responsabilidades” e a “razões pessoais” de um grupo de intelectuais que não apenas não se somaram à AICH como

16 *Aurora de Chile*, 12 out. 1938, p.3.

obstaculizavam sua atuação. O aniversário foi ainda solenemente celebrado em ato na Universidade do Chile, com a presença do presidente eleito Aguirre Cerda.

Com a vitória de Aguirre Cerda, a AICH pretendia, na voz de Neruda, poder contribuir para a educação e difusão da cultura por meio de suas inúmeras atividades, palestras, cursos e da revista *Aurora de Chile*. A celebração do primeiro aniversário foi também um ato político que celebrou a vitória da Frente Popular. O discurso de Neruda torna clara a atuação da AICH na mobilização pela Frente Popular e aponta as perspectivas de futuro. O poeta destacou a frase do presidente eleito ao afirmar que queria o Chile transformado em uma escola. Nesse sentido, segundo Neruda, todos os escritores, músicos e artistas deviam sair a percorrer o país levando o livro, teatro, a música e a arte numa verdadeira missão cultural.

No ano de 1939, a revista traz destacados artigos sobre arte, literatura e história. A disputa política passou para um plano secundário uma vez que interessava, nesse momento, criar forças sociais sólidas de apoio ao novo governo e suas iniciativas. A revista procurou assumir uma posição de mediadora entre o governo e a sociedade, tratando de efetivar a proposta presente no discurso de Neruda. “El realismo en arte”, “canción nacional chilena”, “Antología de Cesar Vallejo” e um manifesto pelos 150 anos da Revolução Francesa eram os títulos que predominavam na edição de 4 de fevereiro de 1939. Já a edição seguinte comemorava o aniversário de eleição de Aguirre Cerda, portanto reproduzia alguns artigos e comentava o significado que a vitória da Frente Popular tinha para a Aliança.

Evento importante e fortemente vinculado às mais intensas lutas dos intelectuais da AICH foi o asilo dado pelo governo de Aguirre Cerda aos espanhóis republicanos. Pablo Neruda foi nomeado representante do governo e responsável pelo translado de aproximadamente 2 mil espanhóis que estavam na França e que deveriam ser enviados para Bourdeos e assim embarcados no Winnipeg rumo à Valparaíso (Olivares, 2001, p.605). A revista *Aurora de Chile* desenvolve uma intensa campanha de apoio e recepção aos exilados.

A influência e atuação da AICH eram bastante relevantes no cenário político e cultural nacional, ampliando-se, sobretudo, com a vitória da Frente Popular. Em fevereiro de 1939, inicia um programa radiofônico pela *Radio del Pacífico*. No dia 22 desse mês, um domingo, foi inaugurado o programa com a presença de Neruda, Arturo Paredes, Gustavo Vila e Jorge Rubén Morales. A notícia foi divulgada pela revista *Aurora de Chile*. No jornal *Frente Popular*, noticiaram, em agosto de 1938, o lançamento de um programa dedicado à Espanha. O programa seria uma realização da AICH e do Comitê Chileno de Ajuda à Espanha. Além de notícias sobre a situação do país, seriam apresentadas música da Espanha, e o jornal *Frente Popular* ficava encarregado das notícias de última hora que o programa apresentaria.¹⁷

Aurora de Chile lança seu último exemplar em vinte de dezembro de 1940 sem anunciar nenhum motivo para seu encerramento. Nesse último número publica os informes das atividades da Aliança, comentando a falta de notícias na imprensa sobre esses encontros. Como parte das informações notificam as mudanças na diretoria da entidade. Pablo Neruda e Luis Enrique Délano, dois dos principais organizadores da AICH foram nomeados para funções diplomáticas no México e, portanto, se afastaram da direção da AICH.

O fim da revista não significou o fim da AICH. De fato, em 1943 pelo decreto 3651 emitido pelo Ministério da Justiça a entidade adquiria personalidade jurídica e em diversas correspondências entre escritores vinculados a Aliança são mencionadas a continuidade de suas atividades.¹⁸ Os estatutos publicados em 1944 também dão provas da continuidade da Aliança. Nesse número final da revista era proclamado o esforço de cooperação da AICH e do sindicato dos professores na grande tarefa que o governo de Aguirre Cerda elegia com sua frase axiomática: “Gobernar es educar”. O editorial encerrava uma compreensão das funções do intelectual nesse momento, como o “arquiteto do espírito” e “condutor

17 *Aurora de Chile*, 4 fev. 1939, p.2; *Frente Popular*, 2 de ago. 1938, p.20.

18 Decreto 3651 de 11 out. 1943. Ministério de Justicia, República de Chile. Arquivo Nacional de Chile.

do povo”: “El intelectual auténtico está llamado a ser el arquitecto del espíritu de un pueblo, el colaborador eficaz en la solución de sus problemas económicos y el conductor incansable de sus luchas políticas”.¹⁹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo procurou examinar a revista *Aurora de Chile*. A investigação pretendeu compreender as relações e atuação política dos escritores e intelectuais ligados à AICH e, dessa forma, contribuir para um conhecimento mais nuançado da história política chilena nesse período.

A análise buscou abranger o papel estratégico desses intelectuais na política de coalizões amplas da Frente Popular e com a qual o Partido Comunista consegue penetrar na sociedade de então. A conjuntura de curtíssima duração na qual nos detivemos ficou restrita aos anos de circulação do impresso, 1938-1940. Esse período de dois anos nos permitiu examinar os sentidos da política e as relações com o mundo da cultura. Ainda que os intelectuais não representassem quantitativamente um movimento de grande envergadura, sua atuação e inserção no cenário das disputas políticas teve peso expressivo na construção de um espaço de atuação política mais aberto, capaz de incorporar diversos grupos sociais e na elaboração de uma interpretação sobre essa realidade que finalmente contribuiu para a eleição da Frente Popular.

Os intelectuais usavam de seu prestígio e reconhecimento social para respaldar e amplificar as bandeiras do antifascismo internacional e das liberdades públicas e da democracia ameaçadas pelo governo de Alessandri. A perseguição ao Partido Comunista chileno, especialmente a partir da Lei de Seguridad Interior del Estado, ao proibir a existência de agrupações revolucionárias e contrárias ao regime estabelecido, tornou possível a cassação do PCCh. Nesse cenário, a criação da AICH representou uma importante estratégia de luta democrática que conseguiu, de alguma maneira, embaçar a perseguição e censura e, dessa

19 *Aurora de Chile*, 20 dez. 1940, p.5.

forma, fortalecer as campanhas em defesa das liberdades capitaneadas pela Frente Popular.

Na revista *Aurora de Chile*, foi possível identificar os vínculos internacionalistas da AICH e a orientação da Comintern. A solidariedade à Espanha e a luta antifascista constituíram um debate permanente a unir os intelectuais aliancistas a outras organizações da Europa e dos países vizinhos e demonstrou sua adesão às linhas do PCCCh. Mas, por outro lado, foram também as dinâmicas internas do país e da intelectualidade que reconfiguraram a ação e discurso da revista *Aurora de Chile*. Nas suas fileiras, estavam não apenas os militantes dos partidos que compunham a Frente, mas, sobretudo, simpatizantes que procuravam compor forças em defesa de uma democracia efetiva e em prol do combate a um inimigo comum: o fascismo. Por outro lado, a expressão local desse regime de exceção era representada pelo candidato alessandrista Gustavo Ross. Nesse momento, o discurso antifascista adquiriu tons locais. A revista concentrou sua atenção no que considerou o perigo de uma ditadura, as ameaças à soberania nacional representadas pelos interesses econômicos que empresas estrangeiras vinham impondo ao país, e o consequente problema da pobreza. Suas páginas deixam entrever as circunstâncias especiais dessa conjuntura repleta de tensões e conflitos de ordem nacional e internacional, e o papel que os escritores pretendiam exercer nesse processo político.

AGRADECIMENTOS

Este artigo é fruto parcial da pesquisa de Pós-doutorado realizada no Chile com o apoio de Rolando Alvarez, professor e pesquisador do IDEA/USACH a quem agradeço por sua generosidade e pelas valiosas indicações. Agradeço também às importantes sugestões dos pareceristas desta revista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGGIO, Alberto. *Frente Popular, radicalismo e Revolução Passiva no Chile*. São Paulo: Annablume, FAPESP, 1999.

- ALTAMIRANO, Carlos. *História de los intelectuales en América Latina*. t. 2. Buenos Aires: Katz, 2010.
- ALVAREZ, Rolando. El Partido Comunista de Chile en la década de 1930: entre “clase contra clase” y el Frente Popular. Pacarina del Sur, n. 31, Santiago, 2016. Disponível em: <<http://www.pacarinadelsur.com/home/oleajes/1474-el-partido-comunista-de-chile-en-la-decada-de-1930-entre-clase-contra-clase-y-el-frente-popular>>. Acesso em: 12 mai. 2017.
- BARNARD, Andrew. *The Chilean Communist Party 1922-1947*. Tese (Doutorado em Filosofia), University of London. London, 1977.
- CASALS, Marcelo. *La creación de la amenaza roja*. Del surgimiento del anticomunismo en Chile a la ‘campaña del terror’ de 1964. Santiago: LOM Ediciones, 2016.
- CELENTANO, Adrián. Ideas e intelectuales en la formación de una red sudamericana antifascista, *Literatura y Lingüística*, n. 17, p.195-218, 2006.
- CHARLE, Christophe. Los intelectuales en el siglo XIX. Precursores del pensamiento moderno. Madrid: Editora Siglo XXI, 2000.
- COSTA, Adriane Vidal. *Pablo Neruda: uma poética engajada*. Rio de Janeiro: E-papers, 2007
- CORDERO, Matías Escalera. Guerra, Pueblo y Cultura: Antonio Machado en el Congreso de Valencia (1937), ARBOR, Ciencia, Pensamiento y Cultura, clxxxv, 739, España, 2009, p.739.
- DALMÁS, Carine. *Frentismo cultural em prosa e verso*. Comparações, conexões e circulação de ideias entre comunistas brasileiros e chilenos (1935-1948). Tese (Doutorado em História Social) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- DE LUCA, Tania. *Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- FUNES, Patricia. *Salvar la Nación*. Intelectuales, cultura y política en los años veinte latino-americanos. Buenos Aires: Editorial Prometeo Libros, 2006.
- GONZÁLEZ, Marco. Comunismo chileno y cultura Frente Popular. Las representaciones de los comunistas a través de la revista *Principios*, 1935-1947. In: *Izquierdas*, p.54-69, 2011.
- GREZ TOSO, Sergio. *História del Comunismo en Chile*. La era Recabarren (1912-1924). Santiago: LOM Ediciones, 2011.

- GREZ TOSO, Sergio. Un episodio de las políticas del “Tercer período” de la Internacional Comunista: elecciones presidenciales en Chile, 1931. In: *Historia*, vol. 2, n. 48, p.465-503, 2015.
- LIMA, Felipe Victor. *Literatura e engajamento na trajetória da Associação Brasileira de Escritores (1942-1958)*. Tese (Doutorado em História Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- LIRA, Elizabeth; LOVEMAN, Brian. *Poder Judicial y conflictos políticos (Chile: 1925-1958)*. Santiago: LOM Ediciones, 2014.
- LOYOLA, M e ROJAS, J. *Por un rojo amanecer. Hacia una historia de los comunistas chilenos*. Santiago: Editorial Valus, 2000.
- MELO, Ana Amélia M.C. de. A revista *Literatura*: entre a autonomía e o engajamento intelectual (1946-1948). *ArtCultura*, vol. 17, n. 31, p. 137-149, 2015.
- MILOS, Pedro. *La formación del Frente Popular, 1936-1938*. Santiago: LOM ediciones, 2008.
- MOULIAN, Tomás. *Fracturas: de Pedro Aguirre Cerda a Salvador Allende (1938-1973)*. Santiago: LOM Ediciones, 2006.
- OLIVARES, Edmund. *Pablo Neruda: los caminos del mundo. Tras las huellas del poeta itinerante II (1933-1939)*. Santiago: LOM Ediciones, 2001. p.605.
- OLIVEIRA, Ângela Meirelles. *Palavras como balas: imprensa e intelectuais antifascista no Cone Sul (1933-1939)*. Tese (Doutorado em História Social), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- ORY, Pascal; SIRINELLI, Jean-François. *Les intellectuels en France, de l’Affaire Dreyfus à nos jours*. Paris: Armand Colin, 1986. p.93-112.
- PREZEAU, Jocelyne. Le Mouvement Amsterdam-Pleyel, CIRM, vol. 18, 1984.
- RAMA, Angel. *La ciudad letrada*. Montevideo: Arca, 1998.
- REIS, Mateus Fávoro. Imprensa de opinião ou de informação no Uruguai e no Chile: um falso dilema? *Orbis Tertius*, ano 17, n. 18, 2012. Disponível em: http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.5365/pr.5365.pdf. Acesso: 7 jun. 2017.
- SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In: REMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

- SOARES, Gabriela P. Novos meridianos da produção editorial em castelhano: o papel de espanhoís exilados pela Guerra Civil na Argentina e no México. *Varia História*, vol. 23, n. 38, p.386-398, 2007.
- SUBERCASEAUX, Bernardo. Editoriales y círculos intelectuales en Chile (1930-1950). *Revista Chilena de Literatura*, n. 72, p.221-233, 2008.
- TEITELBOIM, Volodia. *Neruda*. Santiago de Chile: Editorial Sudamericana, 1996.
- ULIANOVA, Olga; LOYOLA, Manuel; ALVAREZ, Rolando. *El siglo de los comunistas chilenos*. Santiago: LOM Ediciones, 2012.
- WINOCK, Michel. *O século dos intelectuais*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.